

## A sinonímia entre termos referentes à crise econômica mundial: algumas considerações

### *Synonymy in terms concerning the global economic crisis: some reflections*

Mariângela de Araújo\*  
Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo apresentar um estudo sobre a sinonímia entre termos referentes à crise econômica mundial. É um trabalho que resulta de um projeto (Projeto Capes/DGU 297/13) realizado em parceria entre a Universidade de São Paulo e a Universidade de Vigo, denominado “*Valores culturais e didáticos na metáfora de especialidade: as múltiplas imagens da crise econômica mundial na imprensa escrita*”, coordenado pela Profa. Ieda Maria Alves (USP) e pela Profa. Iolanda Galanes Santos (Universidade de Vigo). Neste artigo, tendo como base parte do *corpus* de estudo do Projeto, realizou-se a análise de alguns termos formados com o termo *crise* que apresentaram relações de sinonímia com outros, a fim de se verificar de que maneira o uso de diferentes denominações traz implicações e diferenças no modo de se entenderem os conceitos, o que comprova a teoria de Baldinger (1970), segundo a qual é questionável a afirmação de que a sinonímia absoluta marcaria presença nas terminologias.

**Palavras-chave:** Terminologia, Sinonímia, Crise, Economia.

**Abstract:** The article aims to present a study about the synonymy between terms related to the world economic crisis. It is a work which results from a project

---

\* Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; e-mail [araujomar@usp.br](mailto:araujomar@usp.br).

(Projeto Capes/DGU 297/13) done in an association between University of São Paulo and University of Vigo entitled “*Cultural and didactic values in the metaphor of speciality: the multiples images of the world economic crisis in the printing press*”, coordinated by Prof. Ieda Maria Alves (USP) and Prof. Iolanda Galanes Santos (University of Vigo). In this article, considering part of the study *corpus* of the Project as basis, there was the analysis of some terms formed with the term *crisis* that presented relations of synonymy with others in order to verify how the usage of different denominations bring implications and differences in the way of understanding concepts, which proves the theory of Baldinger (1970), which says that the affirmation that the absolute synonymy is present in terminologies is questionable.

**Keywords:** Terminology, Synonymy, Crisis, Economy.

## 1 INTRODUÇÃO

Os estudos terminológicos recentes, pautados em teorias que se baseiam na análise linguística dos termos (Socioterminologia, Teoria Comunicativa da Terminologia e Teoria Sociocognitiva da Terminologia, para citar alguns exemplos), têm assumido e analisado a variação existente nas terminologias, entendendo que ela pode ter expressão denominativa e conceitual. A expressão da variação relacionada à diversidade denominativa resultaria na existência da sinonímia, enquanto que a variação relacionada à diversidade conceitual resultaria na polissemia.

Estudos anteriormente realizados sobre a sinonímia na Economia (Araújo, 2007, 2008 e 2010), levaram à consideração de que, na realidade, estes dois aspectos da variação estão relacionados, uma vez que a escolha de diferentes denominações implicaria diferentes pontos de vista na abordagem do conceito. Sendo assim, este estudo tem como objetivo demonstrar a existência de variações denominativas em relação a conceitos referentes à *crise econômica mundial* e, além disso, analisar grupos de termos considerados sinonímicos, a fim de verificar como as diferentes opções de denominações podem demonstrar diferentes entendimentos do conceito ou diferentes pontos de vista na maneira de abordá-los. Para isso, serão usados, como embasamento teórico para a análise, sobretudo os estudos linguísticos de semanticistas que se dedicaram ao estudo da sinonímia.

Os termos selecionados para a análise foram coletados em edições do jornal brasileiro *O Globo*. Para essa recolha foram usados os textos das edições de

sexta-feira dos anos de 2011 e 2012. Os textos informatizados que compuseram o *corpus* foram tratados na Plataforma online *Terminus* (<http://terminus.iula.upf.edu/cgi-bin/terminus2.0/terminus.pl>), desenvolvida pelos pesquisadores do Instituto Universitário de Linguística Aplicada (IULA), da Universidade Pompeu Fabra. A identificação dos termos também foi realizada por meio da plataforma, com a utilização de uma ferramenta de análise por n-gramas. Foram selecionados termos em cuja composição encontrava-se o termo *crise*.

Este trabalho resulta de um projeto (Projeto Capes/DGU 297/13) realizado em parceria entre a Universidade de São Paulo e a Universidade de Vigo, denominado “*Valores culturais e didáticos na metáfora de especialidade: as múltiplas imagens da crise econômica mundial na imprensa escrita*”, coordenado pela Profa. Ieda Maria Alves (USP) e pela Profa. Iolanda Galanes Santos (Universidade de Vigo).

Sendo assim, a seguir serão apresentados, primeiramente, os estudos teóricos que embasaram o presente estudo e, posteriormente, a análise de alguns grupos sinonímicos formados com o termo *crise*.

## 2 A SINONÍMIA NOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS<sup>1</sup>

Para apresentar o conceito de sinonímia, poder-se-ia basear em diferentes autores. Em Lyons (1997, p. 87), por exemplo, encontra-se a seguinte definição: “Las expresiones con igual significado son sinónimas”. Entretanto, o próprio autor continua seu texto fazendo observações sobre o conceito, que, a princípio, pode parecer banal, mas que, ao contrário disso, apresenta muita complexidade:

[...] Habría que hacer dos puntualizaciones a esta definición. La primera es que la relación de sinonimia no se limita a los lexemas: puede ocurrir que expresiones léxicamente simples tengan el mismo significado que expresiones léxicamente complejas. La segunda supone que la identidad, y no meramente la semejanza, sea el criterio de la sinonimia.

En este último sentido se diferencia de la definición de sinonimia que se puede encontrar en muchos diccionarios estándar y de aquella con la que los mismos lexicógrafos operan de ordinario. Muchas de las expresiones recogidas como sinónimas

---

<sup>1</sup> Esta parte do artigo baseia-se em Araújo (2007), tese de doutorado defendida pela autora na Universidade de São Paulo.

en los diccionarios ordinarios o especializados son lo que podría denominarse **cuasisinónimos**: expresiones que son más o menos semejantes en significado; pero no idénticas. La cuasisinonimia, como veremos, no se ha de confundir con varios tipos de lo que llamaré **sinonimia parcial**, que satisface nuestro criterio de identidad de significado, pero que, por diversas razones, no llega a cumplir las condiciones de lo que se suele designar como sinonimia absoluta. (Lyons, 1997, p. 87, grifos originais)

Em suas considerações, além de lembrar o fato de que não existem apenas relações de sinonímia entre lexemas simples, o autor introduz três outros conceitos relacionados ao tema: a *quase-sinonímia*, a *sinonímia parcial* e a *sinonímia absoluta*.

Quanto à *quase-sinonímia*, o autor afirma que ela é diferente dos demais conceitos porque está relacionada à sinonímia entre lexemas cujos significados são apenas semelhantes, mas não idénticos. Em relação às outras, o autor tenta distingui-las mais à frente no seu texto:

Vamos a introducir el concepto de **sinonimia absoluta**, en contraste con la cuasisinonimia y con el concepto más amplio de sinonimia, que se acaba de definir y que cubre la sinonimia absoluta y la parcial (es decir, la no absoluta). Por ahora es casi una trivialidad decir que la sinonimia absoluta es muy rara — por lo menos como una relación entre lexemas — en las lenguas naturales. (No es rara, por supuesto, como una relación entre expresiones léxicamente compuestas.) Dos (o más) expresiones son absolutamente sinónimas si, y solo si, satisfacen las tres condiciones siguientes:

- (i) todos sus significados son idénticos;
- (ii) son sinónimos en todos los contextos;
- (iii) son semánticamente equivalentes (es decir, su significado o significados son idénticos) en todas las dimensiones del significado, descriptivo y no descriptivo. (Lyons, 1997, p. 88, grifos originais)

Com essas observações, o autor apresenta critérios atualmente muito usados, como se poderá verificar mais adiante, para se constatar a sinonímia absoluta ou verdadeira. Como se observa no texto do autor, a possibilidade de

comutação em todos os contextos é um dos princípios para se considerar dois ou mais lexemas como sinônimos absolutos, além do fato de que também o significado não-descritivo desses lexemas tem de ser idêntico. Daí, já se torna possível inferir o quão difícil, segundo esses critérios, é considerar dois lexemas como sinônimos absolutos e de que forma nasce a indagação referente à existência ou não-existência de sinonímia absoluta. Lyons não nega a sua existência, porém afirma que esta é raríssima.

Outros estudiosos da Semântica posicionam-se de maneira um pouco diferenciada. Ullmann (1965, p. 159-60), por exemplo, defende a existência da sinonímia absoluta, sobretudo quando se trata das áreas de especialidade. Para o autor, o principal teste a ser aplicado para se fazer essa verificação é a comutação em todos os contextos. Ullmann é bastante enfático ao dizer que não haverá sinonímia se as palavras ou termos em questão pertencerem a níveis de registro diferentes.

O posicionamento de Ullmann é bastante interessante para este trabalho e, posteriormente, será retomado, uma vez que aborda o tema especificamente nas áreas de especialidade e traz à tona o problema da transição nos diferentes níveis de estilo.

Outro estudioso da Semântica, Cruse (1986), já em sua definição do que são sinônimos, faz menção a diferentes traços semânticos existentes entre eles:

Synonyms, then, are lexical items whose senses are identical in respect of 'central' semantic traits, but differ, if at all, only in respect of what we may provisionally describe as 'minor' or 'peripheral' traits; [...] (Cruse, 1986, p. 267)

Assim, percebe-se que o autor já afirma a existência de diferentes traços semânticos entre os sinônimos. Mais adiante em sua obra, Cruse também discute a existência ou não-existência da sinonímia absoluta:

One thing becomes clear once we begin a serious quest for absolute synonyms, and that is that if they exist at all, they are extremely uncommon. Furthermore, it would seem reasonable to predict that if the relationship were to occur, it would be unstable. There is no obvious motivation for the existence of absolute synonyms in a language, and one would expect either that one of the items would

fall into obsolescence, or that a difference in semantic function would develop. [...] It seems probable, and many semanticists have maintained, that natural languages abhor synonyms just as nature abhors a vacuum. (Cruse, 1986, p. 270)

Como se pode verificar, o autor não descarta totalmente a existência da sinonímia absoluta, mas admite-a praticamente como um conceito teórico. Dito de outra forma, esse conceito serve para ele como um construto teórico, uma vez que é praticamente inobservável na realidade.

Diante disso, uma novidade apresentada pelo autor é o fato de que existem diferentes graus de sinonímia, ou seja, Cruse afirma que há termos que entre si são mais sinônimos que outros.

Para complementar os pensamentos sobre a sinonímia até aqui expostos pelos estudiosos da Semântica, é interessante apresentar uma teorização a respeito do fenômeno proposta por Baldinger (1970), um estudioso que tem muitas contribuições a dar a esta pesquisa.

Com a finalidade de estudar mais profundamente a sinonímia, Baldinger retoma, primeiramente, o trapézio de Heger, que distingue, no plano da substância do conteúdo, o significado (que reúne todos os sememas ligados a um monema), o semema (que se poderia chamar de significação na terminologia tradicional) e o sema (ou seja, o conceito). Diante da retomada desse trapézio e frente à sinonímia, Baldinger afirma:

Si el significado no contiene sino un semema, significado y semema son idénticos; si el significado contiene, en cambio, varios sememas, constituye un campo semasiológico. Respecto a la sinonimia, esta situación de base nos permite distinguir dos clases de sinonimia en el plano de la sustancia del contenido:

*Una sinonimia de dos significados* (si los dos significados, ligados a dos monemas diferentes, sólo contienen, cada uno, un semema) [...]

*Una sinonimia de dos sememas* que están ligados a través de dos significados complejos (que contienen más de un semema), a dos monemas diferentes [...]

La sinonimia, en este segundo caso, se produce no en el plano del significado, sino en el plano del semema [...] (Baldinger, 1970, p. 209-10)

Mais adiante, Baldinger continua:

Si hay identidad de significado y de semema, los dos monemas en cuestión son *sinónimos absolutos* en cuanto a su función simbólica en el plano de la sustancia del contenido (= identidad de uno de sus sememas o significaciones). En este segundo caso — ésta es la conclusión más importante — los dos monemas en cuestión, que tienen un semema (una significación) en común, se distinguen por la presencia virtual de los sememas (de las significaciones) que no tienen en común. Dicho de otro modo: la presencia virtual de dos campos semasiológicos crea una diferencia entre dos monemas (lexemas o morfemas) que tienen una significación en común. [...] (Baldinger, 1970, p. 211)

Assim,

Dos monemas (lexemas o morfemas) que tienen dos o varias significaciones jamás son, por consiguiente, absolutamente sinónimos, aunque uno los utilice con la significación (o una significación) que tienen en común, porque las otras significaciones permanecen virtualmente presentes. [...]. (Baldinger, 1970, p. 212)

Percebe-se, desse modo, por essas citações e numa primeira análise, que Baldinger acredita que a sinonímia absoluta só pode existir caso os *monemas* considerados sinônimos tenham, cada um deles, uma única significação e esta seja comum a ambos.

Entretanto, observando a continuidade da argumentação de Baldinger, verifica-se que o estudioso é ainda mais incisivo. Para justificar a ausência de sinonímia absoluta, quando se fala do signo linguístico em sua plenitude, o autor lista uma série de elementos que intervêm na sinonímia. Assim, ao lado da presença virtual do campo semasiológico, quando os *monemas* têm mais de uma significação, cita primeiramente, lembrando que estes não vivem isoladamente na língua, mas relacionam-se com outros, os seguintes fatores que diferenciam os sinônimos e favorecem a escolha de um deles: a semelhança formal com outros *monemas*; a pertença a uma família de palavras; a motivação expressa, sobretudo nas palavras compostas ou derivadas, ao lado de outros monemas em que tal motivação não é percebida; a questão da fono-estilística; as possibilidades de

distribuição das palavras em determinados contextos e sintagmas; a entonação e o ritmo; o estilo do texto; e, por fim, os princípios estilísticos de convenção, como o princípio da não-repetição de uma mesma palavra. Baldinger também enumera outros fatores ligados ao falante que intervêm na escolha entre sinônimos: a localização geográfica; a posição social; a profissão; a religião; a pertença a um partido político; a idade; o sexo; a escolha entre modernismos ou arcaísmos; a escolha entre cultismos ou popularismos; a escolha entre estrangeirismos ou palavras autóctones; a possibilidade de intensificação (*muíto* / *um mar de*); o humor; a ironia e a paródia; a afetividade laudativa; a afetividade pejorativa; e o eufemismo.

Dessa forma, levando em consideração todos esses fatores, o estudioso chega a uma conclusão mais incisiva:

[...] La conclusión que se desprende de nuestro examen es la siguiente: es necesario distinguir rigurosamente entre los diferentes planos o niveles. Dos palabras pueden ser *sinónimos absolutos* en lo que respecta a su contenido conceptual-simbólico pero no lo son jamás cuando se tiene en cuenta la riqueza de factores externos que dependen del hablante y de factores internos que dependen de la estructura de la lengua misma. La sinonimia existe en el plano conceptual-simbólico como sinonimia de significados o como sinonimia de sememas; la sinonimia no existe en el plano semasiológico. [...] Dicho de otro modo: no hay variación libre en el dominio de las unidades significativas [...]. Cuando vuelvo a integrar los conceptos en los monemas, las implicaciones estilísticas diferenciadoras son inevitables o, para decirlo con ULLMANN: “*casi todos los fenómenos que estudia esta ciencia [la semántica] tienen prolongaciones estilísticas*”. El contenido del monema se compone necesariamente de un semema (que permite la sinonimia absoluta) y de un halo de valores estilísticos adicionales (que, por su complejidad, no permiten ninguna sinonimia absoluta). [...] Conclusión para quienes les gustan las fórmulas breves: la sinonimia absoluta no existe en el plano de los monemas (signos lingüísticos). (Baldinger, 1970, p. 223-5, grifos originais)



Verifica-se, portanto, que o autor é contundente ao afirmar que no plano de análise do signo linguístico não há sinonímia absoluta; esta somente existe no plano conceitual ou do significado e se esse significado contiver apenas um semema simbólico, ou seja, segundo o autor só se pode falar de sinonímia absoluta num plano de análise onomasiológica. Também em relação às terminologias o autor é enfático ao afirmar essa posição:

A menudo se ha pretendido (con más o menos convicción) que la sinonímia absoluta existe en la terminología científica. No lo creo. No hay, en realidad, sino un cambio de acento, por así decirlo; el contenido conceptual — delimitable y definible — se sitúa en primer plano. [...] Sólo las lenguas artificiales [...] contienen unidades unívocas, en oposición (por definición) a las terminologías científicas que se sirven de las lenguas naturales. (Baldinger, 1970, p. 225-6)

Sendo assim, concluindo, observa-se que, para Baldinger, a sinonímia absoluta não existe sequer nas terminologias científicas, ou seja, para o estudioso, a partir do momento em que o conceito se atualiza num discurso concreto, por meio de um signo linguístico, os fatores estilísticos passam a atuar na escolha entre sinônimos.

Estudos terminológicos sobre a sinonímia, porém, não chegam à mesma conclusão a respeito da existência dos sinônimos perfeitos. Muitos desses estudos, embora tratem da variação denominativa com detalhes e profundamente, não chegam a posicionar-se sobre a questão, por não ser este o seu objetivo; podem-se citar como exemplo os estudos de Freixa (2003 e 2013). Por outro lado, há também aqueles que se posicionam: alguns defendem a existência da sinonímia perfeita, tais como Gaudêncio (2010) e Serra (2012); outros, em consonância ao que é exposto neste trabalho, consideram improvável a existência da sinonímia absoluta, verificando que esta, nos conjuntos terminológicos analisados, é sempre relativa, por não oferecer a possibilidade de comutatividade em todos os contextos; entre eles estão Contente e Magalhães (2005), Jiménez Gutiérrez (2009) e Lobrigate Pinto (2010).

### 3 A SINONÍMIA ENTRE TERMOS SOBRE A CRISE UTILIZADOS EM TEXTOS JORNALÍSTICOS

Conforme afirmado na Introdução, este artigo resulta de um estudo que teve como *corpus*<sup>2</sup> um conjunto de textos das edições de sexta-feira do jornal *O Globo*, datadas dos anos de 2011 e 2012. Para este estudo especificamente foram recolhidos termos formados com o elemento *crise* e que apresentavam relações sinonímicas com outros termos.

A análise será iniciada com o termo *crise na Europa*, que no *corpus* estabelecido foi utilizado vinte e quatro (24) vezes. Foi observada a sinonímia entre *crise na Europa* e *crise na zona do euro*, termo que foi usado doze (12) vezes. A seguir podem-se averiguar contextos de uso desses termos.

Além da <crise na Europa>, a China está comprando menos do mundo e pesam as medidas protecionistas da Argentina, nosso terceiro principal parceiro. (OG\_14/09/2012\_31\_ECO)

Ontem, a Casa Branca anunciou que tem confiança nos governos europeus, e acrescentou que está “monitorando bem de perto” a <crise na zona do euro>. (OG\_12/08/2011\_23\_ECO\_EICHENBERG FERNANDO)

Observando-se os dois termos, verifica-se uma identidade entre eles no plano onomasiológico, ou seja, é possível dizer que nomeiam a mesma *crise*; no entanto, do ponto de vista semasiológico, seguindo a teoria de Baldinger (1970), exposta na seção anterior, tem-se opções que podem modificar o entendimento que o leitor não especializado tem da crise. Afirma-se a possibilidade de sinonímia onomasiológica entre os dois termos, porque a crise a que se referem os textos jornalísticos diz respeito àquela que tem afligido os países que fazem parte de um

---

<sup>2</sup> O *corpus* aqui analisado faz parte de um *corpus* maior, constituído para o Projeto “Valores culturais e didáticos na metáfora de especialidade: as múltiplas imagens da crise econômica mundial na imprensa escrita”, coordenado pela Profa. Ieda Maria Alves (USP) e pela Profa. Iolanda Galanes Santos (Universidade de Vigo), que seguiu, para sua constituição, os princípios da Linguística de Corpus (cf. Sardinha, 2004). Esse *corpus* maior é constituído por textos jornalísticos sobre a crise, retirados dos jornais *El País*, *El Mundo* e *Expansión* (da Espanha) e *Folha de São Paulo*, *O Globo* e *Valor Econômico* (do Brasil), publicados às sextas-feiras, entre os anos de 2007 e 2013.

bloco econômico muito importante mundialmente: a Comunidade Econômica Europeia. Assim, são bastante frequentes textos que mencionam as dificuldades de países como Grécia, Portugal e Espanha – todos eles países-membros do bloco econômico referido e que utilizam o euro como moeda, ou seja, países constituintes da chamada *zona do euro*. Uma das questões amplamente discutidas, inclusive, é a possibilidade de permanência ou a exclusão desses países do bloco. Não foram encontrados textos em que a *crise na Europa* se referia a países que estão fora do bloco. Isso leva à consideração de que os termos *crise na Europa* e *crise na zona do euro* são usados como sinônimos para um mesmo conceito no plano onomasiológico. Sabe-se, entretanto, que os sintagmas isoladamente se referem a conceitos diferentes, tendo em vista que a *Europa* é maior que a *zona do euro*. A par disso, no momento da nomeação, a opção mais frequente é pelo nome mais genérico *crise na Europa*, que leva ao entendimento de que todo o continente está em crise, e ao obscurecimento dos países que não fazem parte da *zona do euro*.

Outro conjunto de termos que se apresenta em relação sinonímica e também é associado aos termos tratados anteriormente é o seguinte: *crise da dívida na zona do euro*; *crise da dívida na Europa*; *crise da dívida europeia*. Observem-se os termos em contextos de uso:

Além do impacto para os credores dos títulos americanos, como a China, um calote também afetaria as finanças dos EUA e a economia mundial, já combatida pela <crise da dívida na zona do euro>. (OG\_15/07/2011\_23\_ECO\_EICHERNBERG FERNANDO\_ROSA BRUNO)

Segundo analistas, a elevação deverá ter poucos efeitos a curto prazo, pois a <crise da dívida na Europa> abala os mercados e há pouco espaço para o país aproveitar o principal benefício da elevação da nota: atrair investidores que só aplicam em países e ativos considerados seguros. (OG\_18/11/2011\_30\_ECO\_NEDER VINICIUS)

A China avalia um maior envolvimento na busca de solução para a <crise da dívida europeia> – disse Wen. (OG\_03/02/2012\_28\_ECO)

Os termos são apresentados em ordem decrescente em relação a sua frequência. Assim, o termo *crise da dívida na zona do euro* foi usado dez (10) vezes, enquanto seus sinônimos, *crise da dívida na Europa* e *crise da dívida europeia*, tiveram

quatro ocorrências cada um. Há duas questões semânticas relevantes em relação a esses termos de acordo com o ponto de vista com o qual eles têm sido analisados.

A primeira delas diz respeito novamente à concorrência entre os sintagmas *na zona do euro*, *na Europa* e *européia*, ou seja, tem-se a oposição entre o termo mais genérico (*Europa*) e o mais específico (*zona do euro*). Observando-se os textos, entretanto, verifica-se novamente de que se fala sobre países que fazem parte da zona do euro, e não de outros países do continente. Mais uma vez, há aqui um caso de sinonímia onomasiológica – o referente denominado é o mesmo –, mas não se pode afirmar que as formações poderão ser comutadas em todos os contextos de uso. Diferentes implicações podem ser apontadas ainda na escolha feita entre as formas *na Europa* e *européia*. Quando se diz *crise da dívida na Europa*, entende-se que a dívida não é do continente, mas em seu âmbito; no caso de *crise da dívida européia* pode-se entender que o continente como um todo esteja endividado e que esta dívida seja do continente, e não de seus bancos ou de alguns estados que o constituem. Desse modo, observa-se que continua válida a afirmação de que o referente denominado é o mesmo, como se pode comprovar pela leitura dos textos, mas semanticamente não se pode negar que haja diferenças e implicações na escolha pelas diferentes denominações.

Outra questão que poderia ser levantada semanticamente seria a possibilidade de o termo *crise na zona do euro* ser uma redução, por meio de apagamento, do termo *crise da dívida na zona do euro*; neste caso, ter-se-ia uma série sinonímica extensa, que compreenderia as denominações do grupo sinonímico ora analisado e o grupo sinonímico analisado anteriormente. O recurso do apagamento é bastante utilizado nas diferentes terminologias e não se pode negar que, em algumas situações de uso do termo, essa relação sinonímica possa ser estabelecida. No entanto, optou-se, neste estudo, por separar os grupos, tendo em vista a consideração de que o termo *crise da dívida na zona do euro*, do ponto de vista semântico, é mais específico que *crise na zona do euro*. Em outras palavras, pode-se dizer que quando se utiliza *crise da dívida na zona do euro* há uma referência explícita ao endividamento dos países em relação ao seu bloco econômico ou a instituições internacionais (FMI, por exemplo); por outro lado, quando se utiliza *crise na zona do euro*, a referência é mais abrangente, uma vez que se pode referir à *crise* vivenciada pelo cidadão em seu cotidiano – fechamento de empresas, alto índice de desemprego, corte nos salários etc. É evidente que há uma relação entre os conceitos, em que alguns fatos são consequências de outros, mas há uma diferença conceitual, o que não permitiria a consideração da existência de sinônimos onomasiológicos.

Outro grupo sinonímico interessante para ser analisado é o constituído por verbos que se associam ao termo *crise*, indicando uma maneira de sair dela. A seguir podem ser observados contextos em que esses verbos aparecem:

Para a diretora-gerente, hoje há menos munição e margem de manobra que em 2008 para <enfrentar a crise>:  
-- A economia global está enfrentando uma crise de confiança piorada por indecisão estratégica e disfunção política. (OG\_23/09/2011\_30\_ECO\_EICHENBERG FERNANDO)

Merkel: crescimento com crédito leva de volta à crise mais cedo. A Chanceler Angela Merkel reforçará sua posição contrária a medidas de estímulo econômico para <combater a crise> -- como defendem cada vez mais líderes europeus, como o recém-eleito presidente francês, François Hollande. (OG\_11/05/2012\_34\_ECO\_NETO JOAO SORIMA)

Darvas não crê que estas divisões podem reacender dúvidas nos investidores quanto à firmeza da UE em <resolver a crise>: -- nos últimos 60 anos (de integração europeia), os dois sempre chegaram, no fim, a um compromisso. (OG\_19/10/2012\_42\_ECO\_BERLINCK DEBORAH)

Seguindo as análises anteriores, cabe ressaltar que o sintagma *enfrentar a crise* foi o mais utilizado, com onze (11) ocorrências; o segundo mais utilizado foi o *combater a crise*, com nove (9) ocorrências; e o menos utilizado foi *resolver a crise*, com sete (7) ocorrências – apenas duas a menos que o sintagma anterior. Note-se que os verbos que mencionam “comportamentos” ou “ações” para que os países possam sair da crise têm uso frequente. Nesse sentido, todos os sintagmas apresentados refletem essa preocupação, mas os verbos utilizados expressam maneiras diferentes de agir. Em *enfrentar a crise*, observa-se uma postura de “resistência”, os países, na figura de seus governantes, colocam-se frente à crise no sentido de tentar contê-la. No sintagma *combater a crise*, por outro lado, observa-se uma postura mais enérgica, em que não há apenas a ação de “colocar-se em frente”, mas também de “lutar contra”; o desfecho esperado é a “derrota”. No caso desses dois verbos observa-se a metáfora bélica; há uma “guerra” contra a *crise*. Todavia, em *resolver a crise*, sintagma menos utilizado, não há referência à metáfora bélica. Nesse sintagma, a *crise* é vista como um “problema”, que exige reflexão e inteligência para ser solucionado. É interessante mencionar

que, no *corpus* estudado, encontra-se também o termo *solução da crise*, que leva a esse mesmo entendimento. Assim, apesar de os verbos referirem-se a uma ação para sair da *crise*, a opção por um dos verbos apresenta implicações semânticas bastante distintas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos exemplos apresentados, pode-se observar que, embora se tenham estudado grupos de termos que denominam um mesmo referente, o que permite considerá-los como grupos sinonímicos do ponto de vista onomasiológico, não é possível afirmar que os significados dos elementos escolhidos para compor esses termos, além das conotações atreladas a cada um dos termos, sejam idênticos.

Desse modo, como Baldinger (1970), acredita-se que não há sinonímia absoluta quando se está diante de um fenômeno de fala, de uma escolha discursiva. Ou seja, embora haja opções paradigmáticas para o falante, a escolha que este fará dependerá de seus propósitos discursivos ou de seu ponto de vista sobre o conceito denominado. Essa é a constatação da maior parte dos semanticistas presentes na fundamentação teórica deste artigo, diante da dificuldade de se poder manter a comutatividade entre sinônimos em todos os contextos. Ullmann (1965) também apresenta a dificuldade de se encontrar a sinonímia absoluta e diz acreditar que ela possa aparecer com mais frequência nos conjuntos terminológicos. No entanto, este escreve sua obra em um momento em que os estudos terminológicos mais acurados estavam emergindo e em que os conjuntos terminológicos eram estudados fora de seu contexto de uso. Isso justificaria seu posicionamento, pois na época havia muita idealização sobre o comportamento e as relações estabelecidas entre termos e conceitos. Atualmente, os estudos terminológicos de cunho linguístico têm mostrado que os termos têm características e comportamentos muito semelhantes aos vocábulos comuns da língua.

Embora este trabalho tenha como material de estudo o discurso de divulgação científica – a crise econômica sendo tratada em jornais –, há outros trabalhos, como o de Araújo (2007), cujo *corpus* de estudo foi constituído por textos especializados, que chegaram a esta mesma conclusão: tal como na língua comum, também a sinonímia nos discursos especializados não se expressa como sinonímia perfeita ou absoluta, mas parcial, quando da atualização dos termos em discurso.

Assim sendo, em se tratando de terminologias, sobretudo as usadas em textos mais especializados, seria desejável um estudo mais aprofundado dos grupos sinonímicos, pois as escolhas dentro das ciências devem ser mais conscientes, visto que refletem diferentes formas de se entender um conceito e podem vir a configurar diferentes modelos teóricos para se abordar um mesmo objeto de estudo.

## REFERÊNCIAS

Alves IM. La synonymie en Intelligence Artificielle. Méta. 2004;39(4):643-50.

Araújo M. A elaboração de um dicionário terminológico da Economia: aspectos da sinonímia nos discursos especializados. (Tese de doutoramento). Universidade de São Paulo. São Paulo; 2007.

Araújo M. A terminologia da Economia: algumas reflexões sobre a sinonímia nos textos especializados. In: *Literalidad y dinamicidad en el discurso económico: VI Actividades de IULATERM de Verano*. Barcelona; 2008. p. 241-52.

Araújo M. Terminologia e sinonímia: são os sinônimos indesejáveis nos discursos especializados? In: Isquerdo NA, Finatto MJB. (Org.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. v. IV. Campo Grande; Porto Alegre: Ed. UFMS; Editora da UFRGS; 2010. p. 519-37.

Baldinger K. *Teoría semántica: hacia una semántica moderna*. Madrid: Ediciones Alcalá; 1970.

Contente M, Magalhães J. Sinonimologia e tipologia contrastiva da sinonímia terminológica em medicina. *Debate terminológico*. 2005;1:1-18.

Cruse DA. *Lexical Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press; 1986.

Depecker L. Elogio de la synonymie. In: *Actas do Colóquio de Lexicologia e Lexicografia*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa; 1990.

Freixa J. La variació terminologica: anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d'especialització de l'àrea de medi ambient. (Tese de doutorat) Institut Universitari de Lingüística Aplicada / Universitat Pompeu Fabra. Barcelona; 2003. CD-ROM.

Freixa J. Otra vez sobre las causas de la variación denominativa. *Debate terminológico*. 2013;9:38-46.

Gaudêncio T C. A sinonímia na terminologia do Direito do Trabalho. *Acta Semiótica e Linguística*. 2010;15(2):13-29.

Jiménez Gutiérrez I. La sinonimia y la polisemia en la terminología anatómica: términos

Araújo, M. A sinonímia entre termos referentes à crise econômica mundial: algumas considerações

de ubicación y de relación de estructuras anatómicas. *EntreCulturas*. 2009;1:579-97.

Lyons J. *Semántica lingüística: una introducción*. Trad. de S. Alcoba. Barcelona: Paidós; 1997.

Lobrigate Pinto T. *Aspectos da terminologia da Economia Internacional*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo. São Paulo; 2010.

Serra LH. A sinonímia na terminologia da cana-de-açúcar do Maranhão: um olhar diatópico. *Ideação*. 2012;14(2):50-65.

Ullmann S. *Semântica: introducción a la ciencia del significado*. Madrid: Aguilar; 1965.

Recebido em: 04/04/2016

Accito em: 14/05/2016